

Capítulo 2

PRINCIPAIS FONTES DO PENSAMENTO DE PAULO FREIRE

Sabemos que existem diversas publicações na tentativa de recuperar a gênese histórica do pensamento freireano, em termos de fundamentação filosófica. Muitas delas fazem referência a algumas correntes de pensamento e seus respectivos representantes. O que pretendemos neste capítulo é captar os principais elementos filosóficos do pensamento de Freire com a perspectiva de construir uma gnosiologia que se traduza como uma investigação crítica da produção do saber e que fundamenta o seu método, vale dizer, de sua pedagogia.

A captação desses elementos tem como objetivo resgatar a valorização da produção filosófica brasileira na pessoa de Paulo Freire uma vez que ele é também considerado um filósofo da educação. Mais do isso, pretendemos evidenciar a sua contribuição teórica, como parte integrante de nossa produção cultural que passa a figurar no cenário mundial como importante aquisição científica mundial.

Para nós, os fundamentos filosóficos da pedagogia de Freire permite-nos a possibilidade de um filosofar carregado de nossas ansiedade e característico de nossa realidade cultural. Freire não nos impingiu por herança um pensamento rigorosamente sistematizado. O que de mais precioso Freire nos deixou foi um método sobre como podemos pensar o pensado, numa compreensão crítica da nossa realidade, com uma abertura para a crítica da cultura e, portanto, uma maneira de filosofar a filosofia.

A libertação enquanto fio condutor do pensamento freireano recebeu antropologicamente e historicamente uma dimensão epocal que vem de encontro aos anseios de toda a convivência humana atual. Hoje, quando falamos de projetos educacionais não podemos perder de vista a contribuição do pensamento freireano uma vez que ele foi o gestor de uma pedagogia libertadora que surgiu no contexto da nossa cultura e pode oferecer sustentação filosófico-antropológica a qualquer projeto de mudança que pretenda humanizar as relações sociais.

Quando exilado, Freire deu continuidade ao seu trabalho nos países onde esteve. A repercussão desse trabalho mostra o grau de ressonância recebida de outras metodologias e aponta o impacto social de sua obra ao longo de sua trajetória como educador dentro e fora do país.

Prova disto é que nos países onde ele esteve trabalhando pessoalmente ou nos maiores centros universitários do mundo que passaram a reconhecer em suas obras um importante quadro teórico para reformulação de suas práticas pedagógicas, podemos creditar a Freire o desencadeamento de uma série de movimentos culturais com vistas à superação das estruturas tradicionais para o surgimento de novas relações entre os homens.

Grandes nomes da intelectualidade atual reconhecem o valor das produções de Freire como instrumental científico de análise e transformação da realidade, nos campos da Psicologia, Pedagogia, Filosofia e Teologia, como atestam René Coste, na França; Marciano Vidal na Espanha; Gustavo Gutiérrez no Peru; Carl Rogers nos Estados Unidos; Enrique Dussel e Escannone na Argentina e outros¹.

Sem a intenção de fazermos “cortes epistemológicos” na evolução do pensamento freireano, iremos situar suas idéias em **dois momentos** significativos e consoantes com o aprofundamento de suas teses epistemológicas.

O primeiro momento podemos chamar de **período brasileiro**. Nele, Freire cunha sua marca como educador popular a partir de suas experiências no contexto universitário, com os grupos populares e com camponeses rurais, com atividades ligadas diretamente à alfabetização de adultos. Esse período é marcado pela publicação do livro “Educação como Prática da Liberdade”, obra em que procura fundamentar sua proposta educativa com uma reflexão pedagógica centrada no problema cultural destacando os desafios que enfrentara no contexto histórico-social em que foram desenvolvidas estas experiências.

Nesta etapa, seus princípios e concepções fundamentais são expostos em termos de antropologia filosófica, relativamente à existencialidade humana e ao ser humano no contexto brasileiro, resultante de um processo de colonização patriarcal onde se originou a “cultura do silêncio”, comportamento que se cristalizou como atitude ideológica até os dias de hoje.

Podemos dizer que neste período ainda não estavam claras algumas das questões centrais das teses de Freire, porém já podiam ser identificadas as linhas

indicativas de sua proposta para uma educação libertadora. Em face disto, podemos dizer que este é o período mais importante na gênese da práxis pedagógica deste educador.

O período chileno, segundo Carlos Alberto Torres, mostra a retomada e aprofundamento das reflexões anteriores, formuladas com base mais concreta em termos de análise político-sociológica e psicossocial da realidade humana, insistindo na apreensão dialética da realidade, detectando as condições de alienação dos homens na sociedade de classes e indicando os mecanismos de institucionalização e manipulação do conhecimento, as ações culturais antagônicas a relação consciência-ideologia, e, principalmente a contradição opressores-oprimidos, situação considerada como dado social imediato e fundamental sobre o qual incide toda a crítica filosófica empreendida em *Pedagogia do Oprimido*, sua obra mais densa (TORRES, 1981:43).

Concebido no primeiro período da produção do educador, o Método Paulo Freire vem carregado dos ideais de libertação defendidos, na época, pelos intelectuais engajados com as transformações sociais, dos quais Freire era um dos maiores representantes.

A teoria do conhecimento fundante da prática educativa do Método é, portanto, resultado da tensão entre as categorias antropológicas de opressor-oprimido, natureza e cultura, dialogicidade e antialogicidade, libertação e humanização.

Paulo Freire sofreu a influência, ou melhor, a ressonância de autores tanto cristãos quanto marxistas. Como reconhece Kowarzik:

Entrelaçando temas cristãos e marxistas e referindo a Buber, Hegel e Marx, Freire retoma a relação originária entre dialética e diálogo e define a educação como a experiência basicamente dialética da libertação humana do homem, que pode ser realizada apenas em comum, no diálogo crítico entre educador e educando (KOWARZIK, 1983:69-70).

Emmanuel Mounier em sua crítica ao totalitarismo que substitui a mística do indivíduo pela da massa, negando a liberdade e a pessoa, propõe como

¹ Sobre isto consultar Dissertação de Mestrado de Marcelo Bezerra Oliveira: *A Teoria do Conhecimento em Paulo Freire Pressupostos Gnosiológicos da Pedagogia do Oprimido* UFPE, Recife, 1988.

saída o “despertar pessoal” e o “despertar comunitário”. Segundo J. Simões Jorge:

o personalismo de Emmanuel Mounier, na sua constante reivindicação da dignidade da pessoa como fundamento é, também, fonte de aprofundamento do pensamento de Freire. Para este, o homem concreto é o fundamento, mas não um homem isolado, e sim, o homem em comunhão com outros homens, não mais vítimas de explorações e exploradores, não mais vítima de regimes individualistas e burgueses, fechados ao comunitário, onde o “ter” é preferido ao “ser”. Como Mounier, Freire combate a coisificação do homem e sua alienação pelos opressores (JORGE, 1981:21)

Freire, da mesma forma, fundamenta sua teoria no despertar da consciência coletiva, daí todos terem o direito à educação, mas uma educação que os liberte enquanto sujeitos coletivos. Para Jorge:

Freire propunha com seu método, tirar o homem da condição de “objeto” ou em condições de ser “menos”, fato que o coisificava colocando-o no anonimato nivelador da massificação, inconsciente, alienado e marginalizado em relação às exigências e aos desafios da realidade. Vivía sem fé, sem esperança, domesticado e acomodado: já não era sujeito. Rebaixava-se a puro objeto. Coisificava-se (JORGE, 1981:25).

Por ser um método psicossocial, a proposta libertadora do Método Paulo Freire leva os oprimidos a reconhecerem-se como tal e a assumirem uma postura crítica diante da realidade e mediante a tomada de consciência, superarem a condição de objetos e assumirem a condição de sujeitos.

As teorias do conhecimento criadas por Marx, Gramsci, Hegel, Habermas, Kosik e Paulo Freire têm como ponto coincidente o conflito e o diálogo como forma de superar a dominação. Todos esses autores defendem a idéia que é necessário criar uma comunicação que seja isenta de manipulação e isso só será possível através do diálogo. A pedagogia burocrática não admite o conflito e tira do educador a capacidade de criação, o entusiasmo, a espontaneidade e a paixão de ensinar, transformando-o em um técnico.

Paulo Freire nega essa tecno-burocracia na prática educativa, apresentando a alfabetização como ato criador, em oposição às idéias tecnicistas de pura memorização mecânica. Propõe uma educação onde o indivíduo seja autônomo para dizer o seu próprio discurso ao invés de ser a sombra do outro.

Como característica bastante peculiar de sua personalidade, Freire não nega a influência de alguns pensadores aos quais poderíamos chamar de seus mestres. Ainda como característica inerente de todo educador autônomo, ele não se limita somente a reproduzir as idéias destes mestres, mas as recria, superando-os, muitas vezes.

A influência do marxismo, da fenomenologia, do existencialismo e do personalismo nas teses de Freire é fruto das leituras de Marx, Mounier, Gramsci, Karel Kosik, Hegel e outros.

Para demonstrar isso cabe-nos aqui traçar, em linhas gerais, a síntese das concepções gnosiológicas dos autores citados acima.

Marx, criador da doutrina do socialismo, apresentava como método científico o Materialismo Dialético. Fato marcante de sua filosofia é a crítica à sociedade capitalista e partia da abordagem dialética da realidade para contrapor-se à dominação do capital. No pensamento de Marx, a questão gnosiológica é apreendida como atividade, como prática. O conhecimento para ele está irremediavelmente ligado ao trabalho como objeto de transformação do mundo, insistindo na tese do trabalho enquanto atividade especificamente humana, uma vez que ele permite a transformação do mundo e do próprio homem a partir de uma ação planejada. Assim sendo, o trabalho aparece como processo fundante do sujeito.

A produção dos homens em sociedade, relacionados com a natureza pela mediação do trabalho é, para Marx, o que ele denomina de práxis. A constante utilização deste termo por Freire, reitera a crença na educação como tarefa histórica transformadora e humanizante do mundo.

Em toda a obra de Freire vemos a preocupação em refletir sobre o próprio pensado, sobre a práxis, o conhecimento do conhecimento. Para Marx, este esforço de desvelamento do real é visto como "consciência da práxis" ao qual Freire vê como "admiração e readmiração do admirado", como conscientização.

Ao ser perguntado sobre se ele se considerava ou não um marxista, Freire respondeu certa vez:

Não quero dizer que eu sou hoje um "expert" em Marx, ou que sou um marxista. Por uma questão até de humildade. Eu acho que é muito sério dizer alguém ser marxista. É preferível dizer que eu estou tentando tornar-me. É a mesma coisa em relação à minha opção cristã. Eu sou um homem em procura de tornar-me um cristão.(...) Pois quanto mais eu me encontrei com Marx, direta ou indiretamente, tanto mais eu entendi os evangelhos que eu lia antes com uma diferente interpretação. Quer dizer, no fundo, Marx me ensinou a reler os evangelhos. Para muita gente, isso é absurdo. Para certos marxistas mecanicistas, que para mim não entenderam Marx, e que não só distorcem, mas obstaculizam o desenvolvimento do pensamento marxista, para esses eu sou um contraditório, e não vou deixar de ser jamais um idealista, representante de uma pedagogia burguesa. Para certo tipo de cristão mecanicista também, tão reacionário quanto esses pseudo-marxistas, eu sou um endemoniado contraditório. Eu não vejo nenhuma contradição à minha opção cristã pretender uma sociedade que não se funda na exploração de uma classe por outra. Em última análise, devo dizer que tanto a minha posição cristã quanto a minha aproximação a Marx, ambas jamais se deram ao nível intelectualista, mas sempre referida ao concreto. Não fui a Marx por causa delas. O meu encontro com elas é que me fez encontrar Marx e não o contrário (FREIRE 1979:38).

Ainda sobre a influência de Marx, Freire em entrevista recente à TV PUC, poucos dias antes de sua morte afirmou o seguinte:

Quando muito moço, muito jovem, eu fui aos mangues do Recife, aos córregos do Recife, aos morros de Recife, às zonas rurais de Pernambuco, trabalhar com os camponeses, com as camponesas, com os favelados; eu confesso sem nenhuma "churumingas", eu confesso que fui até lá movido por uma certa lealdade ao Cristo de quem eu era mais ou menos camarada. Mas o que acontece é que quando eu chego lá, a realidade dura do favelado, a realidade dura do camponês, a negação de seu ser como gente, a tendência à aquela adaptação de que a gente falou antes, aquele estado quase inerte diante da negação da liberdade, aquilo tudo me remeteu a Marx. Eu sempre digo, não foram os camponeses que disseram a mim: Paulo, tu já leste Marx? Não, de jeito nenhum, eles não liam nem jornal. Foi a realidade deles que me remeteu a Marx. E eu fui a Marx. E aí é que os jornalistas europeus em 70 não entenderam a minha afirmação. É que quanto mais eu li Marx, tanto mais eu encontrei uma certa fundamentação objetiva para continuar camarada de Cristo. Então, as leituras que eu fiz de Marx, de alongamentos de Marx, não me sugeriram jamais que eu deixasse de encontrar Cristo na esquina das próprias favelas. Eu fiquei com Marx na mundialidade à procura de Cristo na transcendentalidade.

Essa afirmação de Freire mostra as influências marxistas de base hegeliana por ele recebidas, amalgamadas ao Humanismo Cristão Progressista com fortes pinceladas do pensamento de Gramsci. Somado a isso, percebe-se

clara influência do Personalismo e Existencialismo. Esse ecletismo serve de sustentação teórica que dá corpo às proposições do educador.

Em seu livro *Concepção Dialética da educação*, Moacir Gadotti faz a seguinte afirmação:

Assim como Marx instituiu o trabalho como princípio do processo educativo, Gramsci instituiu a hegemonia como essência da relação pedagógica. As duas visões do processo convergem e se completam, porque ambas partem do mesmo pressuposto de que a tomada de consciência não é espontânea, isto é, a formação da consciência do indivíduo não é inata, exige esforço e atuação de elementos externos e internos ao indivíduo: a educação é um processo contraditório de elementos subjetivos e objetivos, de forças internas e externas. Ambos partem da crítica ao espontaneísmo. Se a educação fosse um processo espontâneo, "natural" e não cultural, não haveria necessidade de se organizar esse processo, de sistematizá-lo (GADOTTI, 1995:62).

Segundo Gadotti, as raízes do pensamento gramsciano estão em Marx e, ao mesmo tempo, em Lênin. Da mesma forma Freire construiu suas teses epistemológicas com base nessas mesmas raízes.

Para enterdermos melhor o pensamento de Gramsci vamos extrair do livro *Concepção Dialética da Educação* de Moacir Gadotti algumas de suas teses:

1ª. **Nova concepção do intelectual:** todos os homens são intelectuais, porém na sociedade nem todos exercem funções intelectuais. No entanto, o intelectual não é o que pensa e o trabalhador aquele que faz. Só com a direção do operariado pode ser superada a contradição entre o trabalho manual e o trabalho intelectual, entre os que pensam e os que fazem.

2ª. **Concepção de hegemonia:** a hegemonia tendo lugar na sociedade civil representa o consentimento social. A burguesia impõe a operários e camponeses sua concepção de mundo e conserva unido esse bloco social, embora marcado por profundas contradições. Utiliza-se, para isso, da escola, da igreja, do serviço militar, da imprensa. Ela elaborou sua própria hegemonia política e cultural e seus quadros intelectuais, que são os seus intelectuais orgânicos, seus técnicos e cientistas. Para Gramsci: "Toda relação de hegemonia é necessariamente uma

relação pedagógica, que se verifica não apenas no interior de uma nação, entre as diversas forças que a compõem, mas em todo o campo nacional e internacional e mundial, entre conjuntos de civilizações nacionais e continentais” (GRAMSCI In: GADOTTI, 1995:62).

3ª. **O fim do Estado** só é possível quando o proletariado assumir o controle ideológico de toda a sociedade. É através da sociedade civil que a classe dominante exercerá sua hegemonia sobre as classes subalternas fim de obter o seu consentimento, sua adesão. Para tornar-se dirigente e não apenas dominante, a classe economicamente dominante deve convencer o conjunto da sociedade de que ela é a mais apta, a mais preparada para exercer o poder, que ela representa os interesses de toda a sociedade. Essa hegemonia será exercida pela cultura e pela ideologia.

4ª. **À escola unitária** cabe a tarefa de possibilitar o desenvolvimento das capacidades do indivíduo tanto para o trabalho manual como para o intelectual. Depois de chegar a um certo grau de desenvolvimento cultural, da formação de uma cultura geral, cada indivíduo seria encaminhado e inserido no processo produtivo aprendendo uma profissão. Par evitar a formação de castas ou grupos privilegiados, também essa educação deveria ser “unitária”, princípio que fundamenta a relação entre escola e meio social.

5ª. **O conceito de bloco histórico** é praticamente indissociável do conceito de hegemonia. Segundo Gramsci “a infra-estrutura e a superestrutura formam um bloco histórico ou seja, o conjunto complexo, contraditório e discordante da superestrutura é o reflexo do conjunto de relações sociais de produção” (GRAMSCI In: GADOTTI, 1995:65). O que Gramsci está dizendo é que o modo de pensar (bloco histórico) da população é determinado pela hegemonia das forças políticas conservadoras. A hegemonia política da classe dominante atua de modo a esconder as contradições instauradas na sociedade de classes. Como a burguesia consegue essa artimanha, tão bem engendrada? Gramsci responde:

através da escola. Muitas das hipóteses defendidas por Gramsci ajudaram a erigir a proposta educacional de Freire, razão pela qual podemos considerá-lo um mestre, ao qual o discípulo, em muitas teses, superou.

Sob forte influência do marxismo e das idéias de Gramsci, Karel Kosik em seu livro *Dialética do Concreto* afirma que o grande conceito da moderna filosofia materialista é a práxis. Para ele, a práxis vai desvendando os aspectos fenomênicos da realidade e o conhecimento humano precisa discernir no real, a cada passo, a unidade dialética da essência e do fenômeno, daí a insistência no caráter necessariamente totalizante do conhecimento.

A grande contribuição de Kosik à teoria pedagógica de Freire está na abordagem dialética e no conceito de práxis que segundo ele:

compreende além do momento laborativo, também o momento existencial: ela se manifesta tanto na atividade objetiva do homem, que transforma a natureza e marca com sentido humano os materiais naturais, como na formação da subjetividade humana, na qual os momentos existenciais como a angústia, a náusea, o medo a alegria, o riso, a esperança etc., não se apresentam como "experiência" passiva, mas como parte da luta pelo reconhecimento, isto é, do processo da realização da liberdade humana. Sem o momento existencial o trabalho deixaria de ser parte da práxis (KOSIK, 1976:204).

Como é possível perceber, muitas foram as influências recebidas por Freire. Segundo Silvia Maria Manfredi "ele preocupou-se em situar o homem como ser criador no domínio da história e da cultura, fato que nos leva a refletir sobre uma possível vinculação existente entre sua postura e uma concepção humanista e idealista de homem e mundo. Segundo ela, esta concepção humanista é fruto da influência de dois pensadores cristãos da atualidade: Mounier e Maritain. Segundo testemunho do próprio Freire, Maritain exerceu forte influência em sua concepção de homem e de mundo pois este ressalta a primazia do homem em relação aos demais seres vivos que compõem a natureza, na medida em que o homem é um ser dotado de razão e de características culturais derivadas de sua própria natureza histórica. De semelhante modo Freire concebe o homem. Segundo ele o homem é visto como o centro de toda a realidade e, por ser de natureza criadora, transforma-se num dos principais

agentes da história. Por este motivo, pode-se dizer que Freire tem uma concepção idealista da história, à medida em que ressalta o papel central do homem enquanto ser “consciente” e “criador”, que desempenha sempre um papel ativo nas transformações sociais. Assim sendo, parecem evidentes em Freire, alguns paradigmas do personalismo e do humanismo cristão”².

Esse pluralismo de Freire mostra-nos a sua flexibilidade e abertura, a sua disposição em ouvir o outro dialogando com ele, ampliando sua visão de mundo. Essa era uma das principais qualidades de Freire que garantiram a ele a capacidade de saber compreender homens e mulheres, não numa relação paternalista, mas essencialmente numa visão libertadora.

² Sobre isto consultar MANFREDI, Silvia Maria. *Política: Educação Popular*. São Paulo, Ed. Símbolo, 1978.